

COM OS PÉS ASSENTES NA TERRA: UMA SAÍDA DE CAMPO A QUINTANDONA

Filipa Fontinha

Mestre em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Escola Secundária de Penafiel

fontinha.filipa@gmail.com

Como citar este artigo:

Fontinha, F. (2020/21). Com os pés assentes na Terra: uma Saída de Campo a Quintandona. *geTup, Revista de Educação Geográfica UP*, 5/6, 137-146.

ISSN: 2184-0091

DOI: <https://doi.org/10.21747/21840091/geo5a12>

RESUMO: Neste estudo é relatada uma experiência pedagógica implementada no âmbito da disciplina de Geografia A (11º ano de escolaridade), da Escola Secundária de Penafiel. Pelo segundo ano consecutivo (2019-2020) ocorreu uma Saída de Campo de curta duração à aldeia de Quintandona, no concelho de Penafiel. O sucesso da primeira, reconhecido pela Associação Portuguesa de Geógrafos, que a distinguiu com o “Prémio - Saída de Campo – 2018/2019” motivou, ainda mais, a realização da segunda, com as devidas adaptações. Assim, apresentam-se as etapas do processo de desenvolvimento da Saída de Campo, começando pela conceção e preparação das atividades, passando pelo trabalho dos alunos no campo e terminando na potencialização dos resultados.

Palavras-chave: Geografia; Didática; Docência; Relato de experiência; UFOPA.

ABSTRACT: This paper reports a pedagogical experience implemented within the scope of Geography A (11th grade) at the Penafiel Secondary School, for the second consecutive year (2019-2020) – short field trip to Quintandona village in Penafiel municipality. The success of the first - recognized by the Portuguese Geographers Association – which as awarded the “Prize – Field Trip – 2018/2019” – motivated, even more, the realization of the second with the necessary adjustments. Thus we present the sequencing of the development process of a Field Trip, starting with the previous work of conception and preparation, following by the work of the students in the field and ending in the enhancement of the results.

Keywords Field Trip; Field work; Quintandona; Geography Teaching; Penafiel Secondary School.

INTRODUÇÃO

O potencial da Geografia escolar associado ao seu papel formativo está, hoje, reconhecido pela comunidade científica nacional e internacional. Segundo o *National Research Council* (1997) e a *Geographical Association* (2000), esta disciplina encontra-se num processo de renascimento na educação. A valorização da Educação geográfica e da cidadania territorial, assim como das próprias aprendizagens que desenvolvem, passam pela potencialização desta sua função formativa (Cachinho, 2000 e 2017).

Com base neste pressuposto, acreditamos que a conceção e a aplicação de experiências de ensino-aprendizagem inovadoras, adequadas a cada contexto escolar e promotoras do envolvimento direto dos alunos, podem contribuir para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e duradouras, princípios preconizados nos atuais documentos oficiais que regem o ensino em Portugal.

Neste sentido, para acompanhar o atual paradigma, exige-se aos docentes a mudança de práticas. Herculano Cachinho (2017, p.14) considera que, “(...) da sociedade chega-nos o grito que se formem professores capazes de criar asas, professores que sejam capazes de ensinar os alunos a voar”.

Com o mesmo intuito, rejeitemos as gaiolas que limitam o voo das aves e invistamos em preparar alunos para o voo livre, desde as primeiras tentativas, com os pés bem assentes na terra. Levemo-los a optar pelo(s) caminhos que os guiem a lugares altaneiros e criemos diversas experiências de voo, para que os olhos de quem voa sejam capazes de, autonomamente, detetar os diferentes contextos e os pormenores, para que, no futuro, possam fazer voos rasantes, mas também em altitude, sem medo dos obstáculos e sejam capazes de fazer piruetas no ar e de aterrar no momento certo, voltando a pousar os pés na terra e a organizar ideias.

O sucesso de uma atividade pedagógica começa na conceção da mesma, de acordo com objetivos muito claros. Esta deve ser pensada e dirigida em função de um contexto escolar específico, ajustada aos paradigmas científicos e pedagógicos vigentes e enquadrada nos documentos curriculares oficiais em vigor e nos perfis de competências para alunos, definidos não só por organizações nacionais, como internacionais (OCDE, UNESCO, UE), para que seja possível aproveitar oportunidades e criar situações adequadas que auxiliem os alunos a encontrar sentido nas aprendizagens que realizam. A experiência didático-pedagógica tornar-se-á tanto mais rica quantas mais competências científicas, técnicas, tecnológicas e relacionais permitir articular, desenvolver e aperfeiçoar. O professor deve estar recetivo e ser criativo na conceção de experiências e atividades, para os alunos tirarem o máximo proveito das situações de aprendizagem, aumentando a sua curiosidade, a sua vontade de aprender e tornando-os o foco da ação educativa. Para tal, o professor deve procurar utilizar “(...) novos instrumentos e recursos que enriqueçam suas aulas de forma a proporcionar aos alunos atividades motivadoras e, assim, a melhoria da qualidade do ensino” (Coutinho, 2014, p. 2).

Depois de concebida a atividade, cabe ao professor saber regular a sua implementação, envolver e acompanhar os alunos em situações de aprendizagem, avaliá-la e promover a reflexão sobre a mesma fazendo balanços periódicos para aferir a progressão e a melhoria do processo (Perrenoud, 2000; Bulgraen, 2010).

Neste âmbito, o professor deve assumir-se como um pesquisador ativo com aptidões para apoiar e facilitar aprendizagens aos alunos e estes devem assumir-se como verdadeiros investigadores e, até, empreendedores.

Numa última fase, é essencial aferir os resultados alcançados pelos alunos e promover a sua comunicação à comunidade escolar e/ou à comunidade local mais alargada. Em resumo, é necessário apostar em experiências pedagógicas diferenciadoras.

O *National Research Council* apontava já, em 1977, o trabalho de campo como uma estratégia didática capaz de fazer desenvolver competências e de promover aprendizagens geográficas: “Students need to be exposed to field studies and encouraged to develop their powers of observation and analysis in the field. Beyond its importance for research, encouraging fieldwork has several potential side benefits” (*National Research Council*, 1997, p. 159).

Consideramos que cada atividade pedagógica é irrepetível, não sendo possível apresentar uma fórmula pedagógica geral e única de pensar e de fazer Saídas de Campo (Fontinha, 2017). Contudo, deve insistir-se naquelas que, no processo de ensino-aprendizagem, deram sinais relevantes de sucesso que permitiram aos estudantes a adoção de uma postura ativa no processo de construção das suas próprias aprendizagens e que lhes proporcionaram uma aprendizagem significativa do espaço geográfico pelo seu envolvimento direto. Por essa razão, na Saída de Campo realizada no ano letivo 2019/2020 houve a adaptação à nova realidade e foram introduzidas melhorias no processo, considerando as potencialidades

e os constrangimentos identificados na atividade decorrida no ano letivo anterior, na Escola Secundária de Penafiel.

1. ENQUADRAMENTO DA SAÍDA DE CAMPO A QUINTANDONA

A Saída de Campo à aldeia de Quintandona, no concelho de Penafiel, enquadrou-se no âmbito do subtema *Os espaços rurais em mudança* do tema III - *Os espaços organizados pela população* das Aprendizagens Essenciais (AE) de Geografia A para o Ensino Secundário (11^º ano de escolaridade), com base no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) e, estrategicamente, o momento do contacto com o campo ocorreu a meio da sequência de abordagem do mesmo. Assim, os alunos foram preparando a atividade, desde o início do ano, tendo tido tempo para dominarem alguns conceitos específicos, ampliarem conhecimentos, fazerem pesquisa, desenvolverem destrezas e estabelecerem hipóteses viáveis a testar no campo.

Com esta estratégia didático-pedagógica de intervenção prática pretendia-se desenvolver o espírito geográfico, que exige curiosidade e interesse aguçados, e fazer o (re)conhecimento do território in loco e a respetiva produção de conhecimento, através da pesquisa, análise e confrontação de dados recolhidos direta e indiretamente, do desenvolvimento de destrezas geográficas, da articulação com as aprendizagens esperadas, da mobilização das aprendizagens para um Estudo de Caso cuja temática central era “Empreender no espaço rural de Quintandona” e, posteriormente, da comunicação dos resultados. Assim, a complementaridade de conteúdos explorados em contexto de sala de aula; o reforço de competências geográficas e cívicas; a aplicação de técnicas de investigação próprias da Geografia, assim como a melhoria das relações pessoais e didáticas entre os envolvidos eram mais facilmente atingíveis.

A estratégia de motivação visou aproximar os alunos da realidade geográfica local, tendo-se escolhido a aldeia de Quintandona, um lugar da União das Freguesias de Lagares e Figueira do Concelho de Penafiel, no norte de Portugal continental, a cerca de 18 km da Escola. A proximidade física facilitava a deslocação e permitia apurar o sentido de pertença (reconhecimento e valorização) ao município por parte dos alunos.

Embora pertencente ao concelho de residência dos alunos, Quintandona não é, necessariamente, área de vivência dos mesmos, pelo que, os que a conheciam (e não eram muitos) tinham, ora a perceção de uma aldeia retrógrada com um modo de vida rural arcaico, ora de uma aldeia “museu”, sem dinâmicas próprias. A maioria dos alunos desconhecia os projetos implementados no seu edificado e no seu espaço público, com o objetivo de promover o desenvolvimento rural e a conservação do seu património, de melhorar as condições de vida da população local, de dinamizar social e economicamente o lugar e projetar as suas consequências no território. Era importante desmontar esta perceção e fazer (re)descobrir o lugar numa perspetiva geográfica, valorizando o papel ativo que cada um pode assumir na realidade geográfica.

Através da aprendizagem pela descoberta, pretendia-se desenvolver competências associadas ao conhecimento do território, à utilização de ferramentas de representação de informação sobre factos e processos numa base espacial previstas nas AE. Numa ótica de trabalho prático, valorizaram-se destrezas geográficas relacionadas com a observação da paisagem local para o reconhecimento das suas características físicas e humanas; com a recolha e sistematização de dados, permitindo dar-lhes coerência e organizando-os na procura de modelos explicativos de organização do território e a representação da informação geográfica através da linguagem cartográfica. Assim, os alunos ficavam mais despertos e aptos para identificarem potencialidades e constrangimentos do sistema agrário e do espaço rural local; para verificarem e relacionarem fatores naturais e humanos com a evolução da paisagem rural de Quintandona; para verificarem as consequências (espaciais, demográficas, sociais, culturais, económicas) da implementação de projetos locais de intervenção e preservação com apoio da União Europeia e para procurarem soluções viáveis para resolução de problemas espaciais e para a melhoria da qualidade de

vida da população local, equacionando oportunidades de desenvolvimento rural, relacionando as potencialidades de aproveitamento de recursos endógenos com a criação de polos de atração e sua sustentabilidade. Desta forma, ficava facilitado o reconhecimento da importância dos espaços rurais nas dinâmicas territoriais, promovendo o seu conhecimento e a sua valorização, de acordo com outras perspetivas de exploração e de utilização apoiadas nos recursos endógenos.

Sendo a Saída de Campo um processo baseado na metodologia de trabalho de projeto, os alunos foram implicados na sua preparação, realização/execução e potencialização dos resultados.

2. FASES DA SAÍDA DE CAMPO A QUINTANDONA

1ª Fase: Trabalho prévio de preparação - Organização metodológica e pedagógica

A seleção do espaço de investigação tem de cumprir requisitos científicos, contudo, em contexto escolar, os aspetos didático-pedagógicos têm peso similar nessa decisão. Cabe ao professor definir o espaço geográfico adequado com qualidades tais que permitam a consecução dos objetivos propostos, o desenvolvimento da(s) temática(s) a abordar, o rebatimento das questões e dos problemas de pesquisa e a realização de análises cruzadas de elementos geográficos.

Recortar espaços de conceituação na realidade, em coerência com os fenômenos que se deseja estudar e analisar é questão central para operacionalização do trabalho de campo em Geografia. (Serpa, 2006, p.12).

O docente deve deslocar-se antecipadamente ao campo para observar as configurações espaciais in loco, para se consciencializar das características específicas dos fenômenos físicos e humanos a explicitar, realçar e dar visibilidade, verificando as suas articulações (materiais e imateriais) e as múltiplas possibilidades de trabalho com os alunos. Deve, também nesta fase preparatória, fazer uma pesquisa bibliográfica profunda para, posteriormente, apoiar com maior solidez o trabalho discente. O docente deve, também, contactar com as instituições e organizações locais para obter mais informações em primeira mão e, também, para a preparação logística da atividade.

A tarefa de implementação da Saída de Campo com alunos deve ser precedida por uma avaliação-diagnóstico, de forma a detetar potencialidades a serem aproveitadas e fragilidades a ser colmatadas. Neste caso específico, detetaram-se lacunas no que respeita ao domínio de vocabulário específico da disciplina, da relação de fenômenos geográficos e da mobilização articulada de conhecimentos para a aplicação a casos concretos. Paralelamente, notou-se a apetência e motivação para a execução de tarefas de caráter prático e um maior grau de concentração na sua execução, em particular, quando as atividades não tinham um caráter repetitivo e monótono e se baseavam na produção de documentos, utilizando processos diversificados como o numérico, o gráfico e o cartográfico.

Colhidas estas informações prévias, elaborou-se o plano da atividade, tornando a Saída de Campo uma estratégia educativa de atuação capaz de adaptar o conhecimento científico à realidade escolar, mobilizar a teoria e a prática e, simultaneamente, dar um contributo para a superação das dificuldades e para o aproveitamento das potencialidades já referidas. Tendo em conta as atuais conceções científicas e pedagógicas, este plano foi concebido privilegiando a metodologia Aprendizagem Baseada em Problemas. O objetivo da adoção desta metodologia é múltiplo, pois responsabiliza cada discente na construção da sua própria aprendizagem, tornando-o protagonista no ato de aprender e valorizar o trabalho em equipa para apresentar e discutir ideias e fazer progressões, entendendo o decurso do trabalho como uma prática investigativa que terá, necessariamente, um rumo diferente, mas viável e fiável, de grupo de trabalho para grupo de trabalho, na busca da resolução dos problemas com expressão espacial (Cachinho, 2017).

O modelo preconizado por Orion (1993) e adaptado ao ensino da Geografia foi o apoio para a construção desta Saída de Campo, por isso, ela foi encarada como um processo que decorreu em três fases que apresentam uma lógica de continuidade, apesar de serem estruturadas de forma independente:

fase de preparação, fase de implementação e fase pós Saída de Campo. Antes e depois da deslocação ao terreno exigiu-se a passagem pelo gabinete, integrando outras estratégias seguidas em contexto de sala de aula, de forma a contextualizar e a integrar a sua aplicação na prática letiva.

Com esta fase do processo esperava-se que os alunos preparassem a interação ativa com o meio, com conhecimentos prévios sobre aquele espaço específico, Quintandona, e a respetiva área envolvente, de forma a proporcionar uma base mais concreta de compreensão dos conceitos abstratos, através da construção gradual da aprendizagem.

Segundo Orion (1993), nesta fase deve existir o cuidado da preparação da Saída de Campo em termos cognitivos e psicológicos, o que é crucial para preparar os alunos, no sentido de os familiarizar com o local onde decorrerá a Saída de Campo e com os conhecimentos, os conceitos, as competências e as técnicas que serão mobilizados no terreno durante a realização de atividades preconizadas.

Inicialmente, através de trabalho autónomo, os alunos procederam à pesquisa documental sobre a área e o tema a explorar, e também, à análise estatística e (carto)gráfica. Posteriormente, destinaram-se três aulas para preparar a Saída de Campo, em grande grupo. Numa primeira fase, a professora apresentou a proposta geral de trabalho e tentou dar aos alunos uma perspetiva global sobre o meio, promovendo a reflexão e discussão acerca de situações problemáticas com cariz espacial, contribuindo para que os alunos comesçassem a questionar e a refletir sobre as relações espaciais, provocando a construção da sua própria aprendizagem, ao assumirem-se como investigadores ativos na busca de respostas/soluções adequadas.

Em grupo turma foi estipulado o percurso a realizar a pé e as respetivas paragens. A partir de cartografia de base e com recurso a ferramentas virtuais de exploração do território foram elaborados perfis topográficos e calculada a distância (linear) entre a escola e o local. Posteriormente, foi marcada uma aula preparatória com a presença de alunos e o respetivo professor da unidade curricular de Ensino e Educação Geográfica do 1º ano do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A aula, preparada de modo a que todos os envolvidos tirassem o máximo proveito, foi dividida em três partes: uma primeira, mais expositiva, em que a professora abordou o valor educativo das Saídas de Campo, a diferença entre estas e as Visitas de Estudo, a importância da observação direta no âmbito da Geografia e apresentou alguns instrumentos e materiais de que os alunos se devem munir no dia da implementação da atividade, assim como algumas técnicas necessárias à realização de Saídas de Campo. Foram, igualmente, apresentados os objetivos gerais a atingir e a metodologia de trabalho adotada pelos diferentes grupos de trabalho da turma. Seguidamente, alguns alunos fizeram uma exposição oral sobre a contextualização espacial e a caracterização geral dos aspetos físicos e humanos da aldeia de Quintandona, tendo em conta o material que já tinham recolhido. Cada grupo de trabalho, apoiado nas leituras previamente efetuadas e, de acordo com os objetivos específicos da Saída de Campo que estava a planear, apresentou algumas reflexões preliminares sobre a temática que estava a abordar aplicada à área em estudo (população, acessibilidade, atividade agrícola, outras atividades em espaço rural, potencialização do espaço rural, ...), o que pretendia observar, rebater e recolher in loco para complementar essa informação.

De imediato, surgiu uma dinâmica de trabalho com carácter mais prático e de interação entre os diferentes grupos de alunos e os convidados, que circularam pelos grupos e participaram lançando e debatendo novas ideias, trocando experiências, discutindo sobre a pertinência e viabilidade da realização de tarefas a realizar in loco e apresentando sugestões direcionadas para a verificação de hipóteses avançadas pelos diferentes grupos. A par disto, foram analisados exemplares de material cartográfico a várias escalas que podiam dar apoio à preparação e realização da Saída de Campo. Começou, assim, a esboçar-se o guião de trabalho que orientava o processo de investigação de cada grupo de alunos com as atividades a realizar no campo.

Esta interação entre os alunos do ensino superior e os do ensino secundário foi um motor de motivação para aguçar a vontade de aprender. Se, por um lado, os mestrandos tiveram oportunidade de contactar e experienciar a aplicação didática de uma metodologia própria da Geografia na prática letiva

(que na maior parte dos casos constituía uma estreia), por outro, os alunos da Escola Secundária de Penafiel tiveram uma oportunidade de exporem o resultado preliminar dos seus trabalhos e as suas ideias a estudantes externos à turma e de realizarem uma atividade prática partilhada que articulou várias competências geográficas.

Na terceira aula de preparação da saída de campo, tendo como base as propostas de atividades de todos os grupos e mediante os objetivos traçados, foi construído, coletivamente pela turma, o guião da Saída de Campo, que se apresenta em anexo.

2ª fase: Realização da Saída de Campo a Quintandona

Segundo Orion (1993), nas Saídas de Campo, os alunos, orientados pelos seus professores, interagem ativamente com o meio, de forma a que a aprendizagem seja construída por eles próprios.

Nesta fase, deve seguir-se a planificação com flexibilidade. O professor, por um lado, deve participar discretamente na orientação dos trabalhos dos respetivos grupos e no controlo do comportamento e, por outro, deve assumir uma função muito consistente na avaliação formativa fazendo registos de observação e no esclarecimento de dúvidas suscitadas no momento, nas chamadas de atenção para determinados pormenores e nas intervenções no sentido de corrigir ou de melhorar o processo.

A organização de cada um dos grupos de trabalho é essencial para o sucesso da atividade. É importante o envolvimento dos alunos na fase preparatória e no desenho das propostas de tarefas do guião da Saída de Campo, para que, quando cheguem ao local, possam retirar o maior proveito, gerindo o tempo de forma correta. O empenho profundo na elaboração do guião de campo, o estabelecimento prévio dos objetivos e o domínio de conceitos e de conhecimentos prévios, também facilitam, em muito, a adaptação imediata, se necessário, a alguma situação imprevista e que, no momento, se verifique pertinente para a investigação.

O guião de trabalho de campo envolvia tarefas/exercícios relacionados com a confirmação e formulação de hipóteses; a análise comparativa de mapas in loco; o diagnóstico de situações relacionadas com a ocupação do solo e com a modificação da paisagem; a aplicação de inquéritos e de uma entrevista semi-estruturada; o levantamento funcional; o traçar do perfil geográfico, a elaboração de esboços, o registo fotográfico e a comparação da realidade com fotografias do mesmo local, o levantamento toponímico, a anotação de potencialidades e de fragilidades da área (ver anexo).

Para a realização da Saída de Campo com todas as etapas previstas, estabeleceu-se um contacto prévio com o Museu Municipal de Penafiel, já que a aldeia preservada de Quintandona é um núcleo vivo deste, com um dos responsáveis pelo lançamento dos projetos de revitalização do lugar e com o empreendimento local de Turismo em Espaço Rural (TER) - Casa Valxisto Country House.

No dia do contacto com o campo, os alunos organizados em grupos de trabalho e munidos do guião da Saída de Campo, de Caderno de Campo, de mapas de base de grande escala, de máquina fotográfica ou telemóvel, exploraram o lugar. Deu-se início à recolha de informação geográfica no Centro Interpretativo de Quintandona (Figura 1), seguindo-se um percurso a pé até à sede deste núcleo museológico e visita a edifícios intervencionados (Figura 2), na companhia de um dos responsáveis locais pelo projeto inicial de revitalização de Quintandona, que fez uma breve apresentação de todo o processo. Os alunos aproveitaram para entrevistar esta fonte privilegiada de informação no local.

Visitaram, também, o empreendimento de TER atrás referido, onde tiveram oportunidade de observar e questionar, entre outros aspetos, sobre ideias empreendedoras de aproveitamento de recursos endógenos que em muito contribuíram para a sua recente certificação de alojamento de Turismo Sustentável, atribuída pela *Biosphere* e concedida pelo Instituto de Turismo Responsável.

Depois, cada grupo de trabalho, conforme os seus objetivos específicos e apoiados na Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000 (fol. 112), e no Guião da Saída de Campo, dispersou dentro do perímetro previamente delimitado e dirigiu-se para locais estratégicos para aplicação de atividades práticas do guião da Saída de Campo, pondo em prática destrezas e conhecimentos de forma integradora (Figura 3).

Assim, enquanto uns aplicavam inquéritos à população local (Figura 4), ou procuravam moinhos ou outros engenhos hidráulicos, outros faziam o registo fotográfico e/ou elaboravam esboços da paisagem, recolhiam amostras de rochas ou analisavam e comparavam a ocupação do solo in loco com a cartografada e completavam mapas de base com outros elementos visíveis na paisagem.



Figura 1- Recolha de informação.



Figura 2 – Visita a edifícios intervencionado.



Figura 3 – Grupos em trabalho autónomo.



Figura 4 –Aplicação de técnicas de trabalho de campo.

Através da observação direta foi possível recolher informações, lançar e comprovar hipóteses, procurar relações de causalidade e apreender fenómenos e/ou aspetos e particularidades que se conjugam no meio, de forma singular e original.

3ª Fase: Potencialização dos resultados

Após a realização da Saída de Campo desenvolveram-se momentos de reflexão e de trabalho. Em contexto de sala de aula, os alunos fizeram a respetiva autoavaliação intermédia e, após a discussão, reflexão e consolidação coletiva de ideias trazidas do terreno e registadas nos cadernos de campo e a confrontação destas com outras relevantes, em grupos de trabalho, sistematizaram a informação e produziram conclusões, através de um relatório e prepararam um debate com assunção de papéis em torno da questão: “Vale a pena dinamizar o espaço rural de Quintandona?”. Estes foram os momentos ideais para avaliar com maior clareza o cumprimento dos objetivos das etapas anteriores.

Seguiu-se o desenvolvimento de um Estudo de Caso em que os alunos assumiram funções de investigadores e de empreendedores, apresentando propostas de índole espacial com carácter prospetivo

utilizando, direta ou indiretamente, aprendizagens veiculadas ou (re)construídas pela Saída de Campo a Quintandona, podendo servir de base comparativa e/ou de exemplo para outros contextos a outras escalas. A apresentação e partilha de resultados, foi feita na rubrica semanal “Geografia em Ação”¹.

Esta Saída de Campo foi, também, a base de trabalho para a participação de alguns grupos de alunos no Projeto Nacional “Nós Propomos! Cidadania e Inovação Geográfica”. As propostas criadas foram apresentadas e discutidas numa sessão desenvolvida na Escola, na presença de um técnico da divisão de Planeamento e Urbanismo da Câmara Municipal de Penafiel e, posteriormente, submetidas na plataforma do supracitado Projeto.

Alguns dos trabalhos foram selecionados para serem apresentados no Colóquio “Geografia em Ação: Olhares Cruzados sobre o Território Penafidelense”, que estava a ser organizado pelo grupo de professores de Geografia e que ia contar, tal como aconteceu no ano letivo anterior, com a presença de Docentes de Geografia de algumas Instituições do Ensino Superior. Contudo, deu-se o adiamento deste evento devido aos constrangimentos associados à Pandemia da COVID-19.

De forma a regular o processo educativo e a progressão na aprendizagem, privilegiou-se a dimensão formativa da avaliação, com impacto na reflexão sobre as práticas realizadas e a realizar pela docente e pelos alunos, tomando-se consciência das dificuldades, da consecução dos objetivos e das estratégias a adaptar e/ou reformular. Todos os momentos do processo foram alvo de avaliação.

CONCLUSÃO

A Saída de Campo, aliando a teoria e a prática, permitiu que os discentes colocassem os pés no chão, palmilhassem o terreno e, com os seus próprios passos, transpusessem o seu conhecimento, até aí livresco, para a realidade local e, posteriormente, para outros contextos e escalas de análise, contribuindo para a maior valorização da dimensão territorial. Os discentes ficaram mais despertos para o impacto territorial das exigências atuais e das políticas de gestão do território e aperceberam-se da utilidade da Geografia e do papel ativo que cada um pode assumir como indivíduo conhecedor, crítico e interventivo na realidade geográfica.

Com esta metodologia específica, em que os alunos foram implicados ao longo de todo o processo, foi possível desmistificar, materializar e assimilar conteúdos e conceitos de forma significativa, contribuindo para superar a fragmentação do conhecimento. Em suma, capacitou os alunos para o raciocínio territorial de carácter relacional e dinâmico, para a problematização e para a intervenção, sustentados em conhecimento científico, aliando a educação geográfica à cidadania.

A aprendizagem da Geografia torna-se mais apelativa e robusta quando se desenvolvem aprendizagens de forma significativa e dinâmica, implicando o contributo direto dos alunos, permitindo-lhes articular destrezas e conhecimentos (vertical e horizontalmente), contribuindo para aguçar a vontade de aprender e de fazer Geografia, de acordo com as AE no âmbito da Geografia A e com os domínios esperados no âmbito do PASEO. A motivação que é necessária à aprendizagem inicia-se, não raras vezes, com os pés assentes na terra!

¹. A Geografia em Ação é uma rubrica semanal integrada nas aulas de Geografia A em que, num curto espaço de tempo, os alunos expõem o seu trabalho individual relacionado com temas reais e atualizados e/ou situações problema com implicações espaciais e apresentam medidas concretas para a situação exposta, numa perspetiva crítica, multiescalar e inter-relacional.

BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

- Alves, M. L., Brazão, M. & Martins, O. (coord.). (2001). *Programa de Geografia A – 10º e 11º anos - cursos científico-humanísticos de ciências socioeconómicas e de línguas e humanidades - formação específica*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.
- Bulgraen, V.C. (agosto/dezembro de 2010). O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. *Revista Conteúdo*, 1 (4), 30-38.
- Cabral, I., Alves, J. M. (org.). (2018). *Inovação Pedagógica e Mudança Educativa - da Teoria à(s) Prática(s)*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Cachinho, H. (2017). Criar asas: dos desafios da formação de professores de Geografia na pós-modernidade. *GETUP. Revista de Educação Geográfica da Universidade do Porto*, 1, 9-19.
- Cachinho, H. (2000). Geografia Escolar: Orientação Teórica e Práxis Didática. *Inforgeo*, 15, 69-90.
- Coutinho, J. S. (2014). Alternativas metodológicas para o Ensino da Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental. In *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na perspetiva do Professor* (vol.I, pp.1-30). Curitiba: Secretaria da Educação- Governo do Estado-Paraná.
- Fontinha, F. (2017) Saídas de Campo no Ensino da Geografia: Uma Metodologia Ainda Atual? *GETUP. Revista de Educação Geográfica da Universidade do Porto*, 1, 79-91.
- Formosinho, J. Machado, Mesquita, E. (2015). *Formação, Trabalho e Aprendizagem – Tradição e Inovação nas Práticas Docentes*. Lisboa: Sílabo.
- Justen, R., Carneiro, C. (2009). A importância dos trabalhos de campo na disciplina Geografia: um olhar sobre a prática escolar em Ponta Grossa. In [Atas do] *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia*. Porto Alegre. [www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(64\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(64).pdf).
- Godoy, I., Sánchez, A. (2007). El trabajo de campo en la enseñanza de la Geografía. *Sapiens*, 8 (2), 137-146.
- National Research Council (1997). *Rediscovering Geography: New Relevance for Science and Society*. Washington, DC: The National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/4913>.
- Neves, K. F. (2015). *Os trabalhos de campo no ensino de Geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica*. Ilhéus-Bahia: Editus.
- OECD (2018). *The Future of Education and Skills: Education 2030: The Future We Want*. Paris. <https://www.oecd.org/2030-project> acedido 18/07/2020.
- Orion, N. (1993). A Model for Development and Implementation of Field Trips as an Integral Part of the Science Curriculum. *School Science and Mathematics*, 93 (6), 325-331.
- Perrenoud, P. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Portugal. Ministério da Educação (2017). Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. Lisboa. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.
- Portugal. Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais do Ensino Secundário, Geografia A, 11º ano*. Lisboa: Ministério da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_geografia_a.pdf
- Rodrigues, A., Otaviano, C. (2001). Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia. *Geografia*, 10 (1), 35-43.
- Santos, L. (2013). *Reabilitação do Património Rural: o caso de Quintandona, Penafiel*. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

Serpa, A. (2006). O Trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. *Boletim Paulista de Geografia*, 84, 7-24.

UNESCO (1998). *Educação, um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Cortez Editora.

http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf.

UNESCO (1980). *Manual da UNESCO para o Ensino da Geografia*. Lisboa: Editorial Estampa.

<https://www.biospheretourism.com/en/help-us-change-the-world/79>.